1. **"Responsabilidade": o que é?**

De acordo com a definição do Dicionário online do Google “responsabilidade” é: “obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros. ” Em certa medida, não está errado determinado significado, porém este é muito simplista para a complexidade que o conceito de responsabilidade carrega. Pautado um pouco nas teorias e ideias de Marshall Rosenberg, autor que trabalha o princípio da Comunicação Não Violenta (CNV), responsabilidade vai no sentido de consciência individual para consigo mesmo e com o coletivo, ou seja, ser consciente e responder por seus próprios sentimentos, pensamentos, falas, ações e maneiras, com respeito a seus valores e vontades e consequentemente, trazendo a luz da razão, que tudo que emana de um indivíduo pode ter consequências, impactos positivos ou negativos, em outro ser vivo e/ou ambiente. Portanto, dessa maneira, responsabilidade é consciência da existência humana enquanto individuo inserido no convívio social.

Assim sendo, responsabilidade se torna um princípio fundamental para a vida em sociedade, porém não como uma obrigação ou sentimento de culpa por ações, mas sim fazer uso da razão humana para a harmonia social, entendendo que tudo que produzimos, subjetiva ou objetivamente, incumbe-nos responsável por aquilo. E em paralelo, entender que, por sermos uma espécie social, construída e que constrói os outros, todos os humanos passam pelo mesmo processo mental e social de responsabilidade, o que traz o peso do conceito em âmbito social e global.

1. **"Responsabilidade Global": dialogando com a literatura estudada escreva sobre como ela pode se realizar?**

Parafraseado o 16º princípio do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global *“A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos. ”* Ou seja, deve-se entender o pertencimento da espécie humana na teia da vida planetária, tirar o humano do centro da atenção das espécies, do sentimento de superioridade para com os outros seres vivos, que os antecessores as gerações modernas construíram. É de extrema e fundamental importância que a percepção de todos os seres vivos ou não vivos que compõem o universo estão conectados e possuem uma forte relação de interdependência, seja no âmbito material ou espiritual. Dessa maneira, baseando na definição de responsabilidade citada na questão 1, deve-se expandir este sentimento de “ser responsável” para um nível global ou mesmo universal de vida, para além das paredes das bolhas individuais modernas que cada um habita.

Dessa forma, para incorporar na humanidade tal princípio deve-se retomar valores humanos de convívio e de indivíduo. Primeiramente, talvez mais importante e urgente, a necessidade de voltar o olhar para dentro, ou seja, conhecer a si próprios, adentrar as camadas do seu interior. Conhecendo a si, entende-se e respeita o próximo. Depois entra-se na necessidade de sentimentos como empatia e amor, que atualmente estão em baixa na sociedade. E por último, porém não menos importante, uma compreensão e reflexão crítica da realidade, isto é, um caminhar e agir refletido da humanidade, que poderia aqui também ser entendido como ético.

Outra ferramenta e caminho de fundamental impacto para a realização da responsabilidade global é a Educação. De acordo com o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI – Educação um Tesouro a Descobrir: *“Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo. ”* Portanto, a educação é a chave para um grito de amor da humanidade, um respiro de harmonia entre todos as formas de vida e não vida do planeta.

1. **O que são Sociedades Sustentáveis?**

O que são Sociedades Sustentáveis? O que é sustentável? Será que já houve uma sociedade sustentável que habitou ou habita o Planeta Terra?Aqui, escrevo um pensamento pessoal. Para mim, esta pergunta é a própria utopia a qual alguns buscam em meio ao caótico ambiente e sociedade que vivemos hoje. Até onde vai meu conhecimento sobre os povos que habitaram e habitam a Terra, sempre fizemos uso demasiado dos recursos, o ser humano é uma espécie extremamente dependente de matérias primas para suprir seus valores materiais. É certo que nem sempre e nem em todo lugar pode ter sido assim com tamanha intensidade e quereres pelos bens materiais. Mas mesmo, por exemplo, a civilização polinésia que colonizou e habitou a Ilha de Páscoa por volta de 1200 a.C. fez uso demasiado dos recursos, muito para honrar e prestigiar seus deuses, construindo as grandiosas estátuas “Moais”, e de tanto extrair a população foi ao colapso em um curto espaço de tempo, exterminando toda a civilização de forma que não restou uma árvore sequer. Mesmo alguns povos indígenas latino americanos, os quais fizeram por muitas décadas agricultura de queima em vastas extensões de floresta nativa. Com isso, quero dizer que a sustentabilidade humana sempre foi uma incógnita para mim, uma vez que o nosso discernimento, razão e habilidades mentais específicas nos tornam gananciosos da matéria, e são muito os poucos que vislumbram a regeneração, preservação, conservação e equilíbrio com o meio ambiente natural.

Dessa maneira, reafirmo que para a construção de uma sociedade de fato sustentável, deve-se retomar o pertencimento da espécie com a Terra e os seres que nela habitam. Portanto, talvez o desenho seja aquele que integre todas essas formas de vida, desde o mato que é considerado indesejado e praga ou o pernilongo que dizem ser inútil até a mais bela e valiosa árvore da Amazônia. E principalmente, os recursos não vivos, ou seja, solo e água. O respeito a mãe natureza deve ser primeiro e fundamental em qualquer construção no meio, devemos despertar nossos sentidos para sentir o universo e não apenas vê-lo superficialmente como um lugar que extraímos e não precisamos repor jamais. A reposição e regeneração do meio aqui também se tornam práticas essências a manutenção da vida na Terra. Somos feitos da mesma matéria essencial que tudo que compõem o Planeta e um dia retornaremos a ela para passar a outra forma de vida, entender isso é entender que precisamos nos preocupar com a reposição dos recursos.

Portanto, ainda é difícil para mim vislumbrar um desenho palpável de sociedades sustentáveis, sem refletir antes sobre a mudança de mentalidade e ética a qual precisamos passar para atingir a compreensão total da diversidade e para além, respeitar e conviver com tudo que nos rodeia.

1. **O que é a questão ambiental? O que é o ambientalismo ou ecologismo?**
2. **Dialogando com a literatura apresentada pela disciplina escreva sobre "educação" e sobre como ela pode auxiliar em processos de transição para as sociedades sustentáveis descritas no item anterior. Não seja genérico. Procure exemplificar objetivos e processos educadores que possibilitem realizá-los.**

Buscando na literatura por documentos mais politizados a respeito da educação pós-moderna, deparei-me com o documento “Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**”,** o qual acredito ser um texto que envolva as perspectivas da conjuntura atual, política, econômica, social, cultural e ambiental.

Primeiramente, gostaria de esclarecer que não consegui ler todo o texto, devido a falta de tempo e excesso de atividades para fazer de outras disciplinas, tendo em vista que é um documento muito longo não foi possível lê-lo na integra. Portanto, o que aqui destaco são provenientes do Prefácio do Relatório, o qual acredito dar uma visão holística e síntese do que será abordado em todo o conteúdo do documento.

 Começo por destacar a seguinte frase: ***“****A educação é, também, um grito de amor à infância e à juventude”*. Pois acredito que é necessário sairmos dessa educação mercantilizada para uma educação humanizada, a qual requer compreensão e amor entre os envolvidos. Logo após, deparei com um pequeno parágrafo que chamou minha atenção e me questionou acerca da dimensão que a Comissão Internacional quer atingir:

*“Ultrapassar o obstáculo da extraordinária diversidade de situações no mundo, conseguir análises válidas para todos, e obter conclusões igualmente aceitáveis por todos, tornou-se para a Comissão uma tarefa, sem dúvida, impossível. ”*

Aqui me questiono, devemos ultrapassar esse obstáculo¿ Devemos conseguir análises padrão válidas para todos¿ Como o próprio relatório traz em muitas partes, deve-se prezar pela diversidade dos povos e respeitar a imensidão cultural e as distintas realidades no Planeta. Então, como seria possível diretrizes para uma educação universal¿ Creio que cada realidade terá sua demanda, suas necessidades, vontades, capacidades e limitações, portanto tendo a pensar que a educação e o ensino devam ser locais, microrregionais e não macro universais.

 Outro ponto que destaco é as preposições sobre a globalização moderna e dentro disso, colocar em questão o sistema político vigente nessa “aldeia global”, a democracia. Aqui, transcrevo o seguinte parágrafo:

***“****Mas como aprender a viver juntos nesta “aldeia global”, se não somos capazes de viver nas comunidades naturais a que pertencemos: nação, região, cidade, aldeia, vizinhança? A questão central da democracia é saber se queremos, se podemos participar na vida em comunidade. Querê-lo ou não, é bom não o esquecer, depende do sentido de responsabilidade de cada um. Ora se, por um lado, a democracia conquistou novos espaços dominados anteriormente pelo totalitarismo e pela arbitrariedade, ela tem tendência a tornar-se pouco estimulante em áreas onde existe institucionalizada há dezenas de anos. Como se tudo devesse, constantemente, recomeçar, renovar-se, ser reinventado. ”*

A primeira frase do trecho também é muito reflexiva, pois vai ao encontro dos dilemas éticos individuais que a humanidade vem enfrentando, a falta de sentimentos, conexão e pertencimento com os próximos. A competição entre os seres dominante à empatia, cooperação e amor. E a respeito do posto sobre democracia, será este o modelo político econômico ideal para um mundo globalizado e pessoas cada vez mais egoístas¿ Será que vivemos uma democracia de fato, de expressões e na qual exerçamos as liberdades individuais de escolha¿

 O relatório discorre sobre as tensões que cercam a atualidade humana e por consequência a educação. Cito algumas das tensões que mais achei interessante estar em um relatório sobre educação. Ao menos, pessoalmente, nunca deparei algumas delas em documentos sobre educação, acrescentando que entendê-las, todas, são de extrema importância para que repensamos, reavaliamos e reestruturamos a educação, no intuito de dissolvê-las nas futuras gerações.

* *“A tensão entre o universal e o singular: a mundialização da cultura vai-se realizando progressiva, mas ainda parcialmente. ”*
* *“A tensão entre a indispensável competição e o cuidado com a igualdade de oportunidades. [...] A Comissão ousa afirmar que, atualmente, a pressão da competição faz com que muitos responsáveis esqueçam a missão de dar a cada ser humano os meios de poder realizar todas as suas oportunidades. [...] retomar e a atualizar o conceito de educação ao longo de toda a vida, de modo a conciliar a competição que estimula, a cooperação que reforça e a solidariedade que une. ”*
* *“A tensão entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e as capacidades de assimilação pelo homem. A Comissão não resistiu à tentação de acrescentar novas disciplinas, como o conhecimento de si mesmo e dos meios de manter a saúde física e psicológica, ou mesmo matérias que levem a conhecer melhor e preservar o meio ambiente natural. Contudo, os programas escolares estão cada vez mais sobrecarregados. É necessário, pois, optar, com a condição de preservar os elementos essenciais de uma educação básica que ensine a viver melhor, através do conhecimento, da experiência e da construção de uma cultura pessoal. ”*
* *“Finalmente, e trata-se, também neste caso, de uma realidade permanente, a tensão entre o espiritual e o material. [...] Cabe à educação a nobre tarefa de despertar em todos, segundo as tradições e convicções de cada um, respeitando inteiramente o pluralismo, esta elevação do pensamento e do espírito para o universal e para uma espécie de superação de si mesmo. ”*

As duas últimas colocadas foram as que mais me chamou a atenção. Perceber que existe uma Comissão Internacional de Educação preocupada com o desenvolvimento pessoal de cada ser humano, o que inclui instigar a interminável busca pelo autoconhecimento, adentras as camadas do ser ao encontro do nosso ser interior, para mim é esplêndido! Creio que é conhecendo a nós mesmos que entenderemos e respeitaremos os outros seres vivos. Dessa maneira, a educação tem que desenvolver as propriedades e capacidades para estimular e trabalhar com isso dentro e fora das escolas, por meio de práticas ancestrais, como por exemplo citado pelo documento, a meditação. Assim sendo, transcrevo outros dois parágrafos que explicam melhor, aos olhos da Comissão, esta questão espiritual e ética:

*“Tudo nos leva, pois, a dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, a dar efetivamente a cada um, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para uma certa unidade. Mas antes, é preciso começar por se conhecer a si próprio, numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica”*

*“Mas a modificação profunda dos quadros tradicionais da existência humana, coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreajuda pacífica e, por que não, de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece. Esta tomada de posição levou a Comissão a dar mais importância a um dos quatro pilares por ela considerados como as bases da educação. Trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade. E a partir daí, criar um espírito novo que, graças precisamente a esta percepção das nossas crescentes interdependências, graças a uma análise partilhada dos riscos e dos desafios do futuro, conduza à realização de projetos comuns ou, então, a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos, Utopia, pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital para sair do ciclo perigoso que se alimenta do cinismo e da resignação. ”*

Nesse sentido, é questionável o sistema de ensino que visa colocar-nos em hierarquias de caixinhas profissionais, ou seja, ao menos no Brasil, é posto que ensino superior é regra e quem está fora dessa regra, não tem valor. Bem como, dentro desta regra há ensinos mais valorizados que outros, como o exagero de valorização de uma profissão como o Direito e/ou Engenharia em contraponto com a Licenciatura e/ou Letras e/ou Artes Cênicas. A valorização intrínseca por certas áreas do conhecimento cria uma desigualdade ainda maior de capacidades e oportunidades entre os humanos, tendo reflexos e consequências no próprio sistema econômico, que carece de mão de obra especializada em conhecimento cientifico ao mesmo tempo que o nível de desemprego é altíssimo e a grande massa da população se enquadra como mão de obra operária, sendo limitados a exercer seus potenciais e habilidades humanas para múltiplas áreas do conhecimento, seja cientifico ou empírico. Dessa forma, é de fundamental necessidade revermos estes valores sociais e econômicos, assim sendo transcrevo outros dois parágrafos que explicitam esta ideia:

*“Há que recordar, também, que a Comissão está consciente das missões que cabem à educação, a serviço do desenvolvimento econômico e social. Muitas vezes atribui-se ao sistema de formação a responsabilidade pelo desemprego. A constatação só é justa em parte, e sobretudo, não deve servir para ocultar outras exigências políticas, econômicas e sociais a satisfazer, se se quiser alcançar o pleno emprego ou permitir o arranque das economias subdesenvolvidas. Dito isto, e voltando à educação, a Comissão pensa que sistemas mais flexíveis, com maior diversidade de cursos, e com possibilidade de transferências entre diversas categorias de ensino ou, então, entre a experiência profissional e o retomar da formação, constituem respostas válidas às questões postas pela inadequação entre a oferta e a procura de emprego. Tais sistemas levariam, também, a redução do insucesso escolar que, e todos devem estar conscientes disso, causa enorme desperdício de recursos humanos. ”*

 *“[...] E ainda, por causa de outra exigência para a qual o relatório chama a atenção: não deixar por explorar nenhum dos talentos que constituem como que tesouros escondidos no interior de cada ser humano. Memória, raciocínio, imaginação, capacidades físicas, sentido estético, facilidade de comunicação com os outros, carisma natural para animador, ... e não pretendemos ser exaustivos. O que só vem confirmar a necessidade de cada um se conhecer e compreender melhor. ”*

Tendo essas afirmações em vistas, questiona-se, portanto, o nosso sistema de seleção para o ingresso nos centros de formação superior, especialmente àqueles de maior valorização, as universidades públicas. O vestibular, no Brasil, configura-se como uma seleção extremamente desigual e injusta e que não busca pelos conhecimentos e habilidades do indivíduo, mas sim por quem teve condições financeiras de pagar um ensino básico que guiasse para e desse as respostas dos vestibulares, o que leva milhões de jovens à marginalização do ensino superior, a desvalorização de seus “ganha pão” e acima de tudo, a impossibilidade de acesso ao conhecimento e inovação científica, ficando-os a parte do desenvolvimento tecnológico, negando-lhes a possibilidade de se apropriar desses conhecimentos e processos pelos quais a humanidade está passando. Sendo assim, cito outro parágrafo que vai a este encontro:

***“****Maior severidade na seleção não pode constituir solução, política e socialmente aceitável, para a questão da massificação do ensino, observada nos países mais ricos. Uma das principais falhas de uma orientação deste tipo, é fazer com que jovens de ambos os sexos fiquem excluídos do ensino antes de obterem um diploma reconhecido oficialmente e, portanto, numa situação sem esperança, dado que nem gozam das vantagens do diploma, nem da contrapartida de uma formação adaptada às necessidades do mercado de trabalho. ”*

Com isso, refletimos sobre a necessidade de as comunidades exercerem suas liberdades de escolhas e tomadas de decisão, bem como participarem dos processos da estruturação do ensino e da educação, colocando em pauta suas realidades e necessidades, emponderando-se e apropriando-se das escolas e centros de formação para a construção de ensinos que realmente dialoguem com suas expectativas, sonhos e sombras. Essa integração entre comunidades locais e escolarização só tende a dar bons frutos, como dito no seguinte trecho do relatório:

*“A participação da comunidade local na avaliação das necessidades, através do diálogo com as autoridades oficiais e os grupos interessados no interior da sociedade, é uma das etapas essenciais para ampliar e aperfeiçoar o acesso à educação. A busca deste diálogo, recorrendo aos meios de comunicação social, a debates no interior da comunidade, à educação e formação dos pais, à formação em serviço dos professores, suscita, em geral, maior conscientização e capacidade de discernimento, bem como um desenvolvimento das capacidades endógenas. Quando as comunidades assumem maior responsabilidade no seu próprio desenvolvimento, aprendem a apreciar o papel da educação, quer como meio* *de atingir os objetivos sociais, quer como uma desejável melhoria da qualidade de vida. ”*

Para finalizar, destaco o último parágrafo do prefácio, o qual traz consigo um poema de extremo simbolismo acerca da complexidade da educação, do ensino-aprendizagem.

*“Educação, isto é, tudo o que a Humanidade aprendeu acerca de si mesma. Atraiçoando um pouco o poeta, que pretendia fazer o elogio do trabalho, podemos pôr na sua boca estas palavras:*

*“Mas ao morrer o sábio pai*

*Fez-lhes esta confissão:*

*— O tesouro está na educação. ”*

1. **Como você percebe a sua responsabilidade no processo educador que estamos vivenciando neste semestre, nesta disciplina, para atingir tudo que você respondeu acima?**

Assumo que poderia ter participado e me doado mais, me responsabilizado mais por este processo e pela disciplina de maneira geral. Mas de maneira geral, admiro em mim mesmo o processo que esta disciplina me fez imergir, as ideias provenientes da MIP e o encaminhamento que terá. Para mim, foi mais um laço de responsabilidade com meus ideais criados graças a disciplina e o que ela aborda e discute. Dessa maneira, fico contente com os resultados finais, apesar de ter falhado na participação e maior dedicação ao conteúdo e turma. E para atingir tudo que escrevi acima acredito que este seja o caminho, nos reconhecermos, nossas conquistas e falhas, agarramos nossos ideais e utopias e caminhas para alcança-los, respeitando seu corpo, sua mente e seu espírito, além do ambiente e os outros que te rodeiam.

1. **Como a árvore, a floresta e os conhecimentos técnicos específicos que você vem adquirindo no curso de engenharia florestal podem por você serem utilizados para materializar as suas respostas às questões acima?**

Integrar esse conhecimento técnico ao estudo e imersão das culturas e povos tradicionais, especialmente no papel da mulher na agricultura. Usar destas técnicas para promover novas políticas públicas, tecnologias, entre outros para estas e outras minorias sociais. Promover os debates públicos acerca da importância ambiental, da conservação, da árvore enquanto indivíduo e de nós enquanto indivíduo.